

MODERNIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA EM PALOTINA – PR: A IDÉIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL NO PERÍODO DE 1970 – 1983

DIGITALIZED MODERNIZATION AND AGRICULTURAL MECHANIZATION IN PALOTINA-PR: THE SOCIAL AND ECONOMICAL DEVELOPMENT IDEA IN 1970-1983

Martin Luís Berno¹
Claércio Ivan Schneider²

BERNO, M. L.; SCHNEIDER, C. I. MODERNIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA EM PALOTINA - PR: A IDÉIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL NO PERÍODO DE 1970 - 1983. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 4, p. 217-227, out./dez. 2007.

RESUMO: Este artigo é uma análise das transformações ocorridas no município de Palotina, no Paraná, a partir de sua colonização na década de 1950, destacando sua economia de subsistência e suas propriedades familiares até o final da década de 1960. A partir desse período, ocorre uma profunda transformação no seu regime de produção e nas práticas de cultivo, com o incremento da mecanização e da modernização da agricultura. Para melhor entendermos esse processo, analisaremos a atuação da Cooperativa local, da Prefeitura Municipal e dos órgãos de financiamento do Governo Federal, a partir de notícias veiculadas no jornal local *Pioneiro*, buscando compreender qual será o seu papel no processo de afirmação da nova organização da agricultura local.

PALAVRA-CHAVE: Palotina-PR; Mecanização; Modernização agrícola.

ABSTRACT: This paper analyzes the transformations occurred in the city of Palotina, PR, as a result of its colonization in the 1950's, emphasizing the subsistence economy and family farming properties up to the end of the 1960's. Thereupon, there is a deep transformation regarding the production process and the cultivation practices because of mechanization and the agricultural modernization. In order to better understand this process, we will analyze the role played by the local Cooperative, Local Administration, and Federal Government financing bureaus, using information from a local Newspaper - "Pioneiro" in search for understanding which its role will be for the affirmative process of consolidating the new organization of the local agriculture.

KEYWORDS: Palotina-PR; Mechanization; Agricultural modernization.

¹Graduado em História pela UNIOESTE (1992), Especialista em Organização do Espaço e Meio Ambiente pela UEM (1996), professor da Rede Estadual de Ensino do Paraná, em Palotina. Acadêmico do curso de especialização em História Regional: olhares sobre o Paraná, da Unipar.

²Professor Mestre do Curso de Especialização em História Regional: olhares sobre o Paraná, da Unipar.

Recebido em abril/2007
Aceito em maio/2007

INTRODUÇÃO

A partir da ocupação do município de Palotina, no Paraná, na década de 1950, tem início um processo de desenvolvimento econômico e social próprio, mas de forma alguma desvinculado das características predominantes da economia nacional do período.

Os primeiros habitantes que convergem para a região, vindos principalmente dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, reproduzem na região seus modelos produtivos, com lavouras de subsistência, criação de gado leiteiro com produção para o consumo familiar e a fabricação de queijos, criação de suínos e uso intensivo da mão-de-obra familiar. Com o tempo, muitos passam a ampliar suas plantações de milho e investem na criação de suínos para a comercialização, mas sempre dentro do modelo de pequena propriedade e estrutura familiar.

Nas décadas de 1960 e 1970, com o desmatamento acelerado, temos a instalação no município do cultivo de hortelã, que aproveita as terras propícias, ricas em matéria orgânica, para se tornar um dos principais produtos do município.

Porém, esse ciclo se encerra nos primeiros anos da década de 1970, deixando lugar para uma nova atividade econômica: o cultivo da soja. Essa nova planta não será como as demais culturas. Seu cultivo será mais elaborado, trazendo consigo novos conhecimentos, novos procedimentos, como a mecanização da terra e a modernização das práticas de cultivo.

Logo as terras serão destocadas, abrindo espaço para os tratores e seus implementos, para as colheitadeiras e outros maquinários. O trabalho humano será substituído pelas máquinas e pelos defensivos, e a paisagem rural se transformará. Matas serão derrubadas e a soja se transformará no “ouro verde” que trará progresso e riqueza. Aqueles que não se “adaptam” à nova realidade são expulsos, vendem ou perdem suas terras e o binômio soja-trigo se consolida.

Para garantir o sucesso dessa nova empreitada, entram em cena organismos de assessoria técnica, como a Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA) e a ACARPA – Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná, ou organismos de crédito rural, como o BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, além dos poderes públicos nas esferas Federal, Estadual e Municipal. Também são criadas associações de produtores e órgãos de cooperação mútua, como as cooperativas.

Com essas condições apresentadas,

gradativamente o município de Palotina passa a sofrer transformações no seu cotidiano, tanto no aspecto econômico quanto no aspecto social. Segundo Reginato (1979, p. 178), até os anos de 1968 e 1969, embora cerca de 70% das terras do município já fossem ocupadas por lavouras ou pastagens, quase todas eram terras não mecanizadas, e o trabalho ainda era braçal ou com tração animal.

Mas isso vai mudar a partir de 1970, com a intensificação das destocas e da aquisição de máquinas agrícolas. Vamos conhecer com mais detalhes esse processo, e a maneira como ele será relatado e justificado pelos seus principais agentes ao longo do tempo.

Colonização

A cidade de Palotina, no Paraná, surge a partir dos anos de 1950, dentro do processo de migração de populações excedentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que buscam novas terras para sua sobrevivência, uma vez que seus Estados de origem já não comportavam mais o crescimento demográfico de sua população, levando ao esgotamento de terras que pudessem permitir a manutenção da pequena propriedade de subsistência, baseada na produção agrícola de alimentos e na pecuária de leite para o consumo, além da criação de suínos. Segundo Gregory (2002, p. 59), “isso significa dizer que há um contingente populacional disponível para a migração. Dentro desse contexto, os mecanismos das companhias colonizadoras foram eficientes para direcionar o fluxo migratório na direção de suas novas fronteiras agrícolas”.

Contribui também para esse processo a política de nacionalização das regiões de fronteira, desencadeada por Getúlio Vargas na década de 30, sob o nome de “Marcha para o Oeste”, que levou à aquisição de grandes áreas de terra da região por parte de companhias colonizadoras, muitas delas com capital gaúcho ou catarinense, ou ainda formadas por pessoas originárias desses dois Estados.

No caso específico de Palotina, a atuação mais intensa é a da Companhia Colonizadora Pinho e Terras Ltda., que foi fundada em 1946, com sede no município de Céu Azul – PR, com o objetivo principal de compra e venda de terras, extração, exportação e beneficiamento de madeiras (FREITAG, 2001, p. 93).

Esta Companhia adquiriu as terras, que hoje compõem o município de Palotina, da antiga Companhia Brasileira de Viação e Comércio (BRAVIACO), no ano de 1953. Sua denominação original era “gleba Piquiri”, e já a partir desse

ano começaram a vir para a região os primeiros funcionários da mesma, para a abertura de picadas e demarcação das terras, para que os primeiros compradores pudessem vir com segurança até o local.

Ao mesmo tempo, a Colonizadora buscou uma parceria junto aos Padres Palotinos, que a partir do Rio Grande do Sul (Vale Vêneto e Santa Maria), tinham interesse em expandir sua atividade missionária para outros territórios. Além disso, passaram a contar com o auxílio de corretores de confiança, que faziam a divulgação de suas terras e organizavam expedições de colonos interessados em comprá-las. Para ilustrar esse acordo, citamos aqui o padre Borin, principal corretor credenciado para o trabalho de colonização, em entrevista a Freitag (2001, p. 117):

A província de Nossa Senhora Conquistadora, dos Pe. Palotinos, com sede em Santa Maria[...] Fazia anos que queria maior expansão territorial para seu apostolado[...]

Em 1953 [...] em Missões, em São Miguel do Oeste [SC], O prefeito municipal de São Miguel do Oeste, [...] a par da colonização da Firma Pinho e Terras, nos informou das terras do Vale do Piquiri. Terras férteis, planas, ótimas para qualquer cultura agrícola [...] nos levou a Curitiba [...] apresentou-nos os DALCANALLE, que cederam o avião da firma para nos levarem a ver as terras [...] encontramos o chefe da colonização [...] Ele nos mostrou a região [...] vimos onde já havia um furo no mato, voltamos a Toledo falamos com Dom Manoel Kroener [...] o Bispo ficou indeciso [...] não houve promessa alguma [...] Eu aproveitei a única oferta. Dom Manoel me deixou, permitindo que trouxéssemos colonos do Sul.

[...] eu [...] fiz um contrato com seu Alfredo Ruaro, que nos cedeu para vender até 300 colônias, como comissão ele nos daria dez por cento das colônias, como ele dava a qualquer corretor [...] eu mandei imprimir cinco mil folhetos de propaganda [...] eu fui falar com o Padre Rafael, que estava em Vale Vêneto [...] se ele me apoiava na colonização e ele disse que sim [...]

De acordo com Reginato, (1979, p. 37), começa a surgir, assim, um novo espaço de ocupação sob a benção da fé católica e os interesses de venda da colonizadora, que denomina o novo local de colonização com o nome de Palotina, homenageando a congregação de seus principais colaboradores.

Ainda segundo Reginato (1979, p. 37, 38), o trabalho de divulgação em jornais e revistas da região sul, a propaganda feita pelos padres após a celebração das missas, e os relatos daqueles que

vieram nas excursões organizadas pelos padres, logo dão resultado, e Palotina começa a receber muitos habitantes. De uma clareira na mata, em 1953, já será município em 1960, com uma população de 3.469 habitantes, segundo o Censo Demográfico do IBGE, do mesmo ano, sendo predominante a presença de sua população na área rural.

Do início da colonização, na década de 50, até o final da década de 60, o que predominou na economia palotinese foi a produção agrícola de subsistência, principalmente com o cultivo do milho, do feijão e da mandioca, utilizados principalmente para a alimentação e a criação de porcos. Também ocorreu, entre a segunda metade da década de 60 e a primeira metade da década de 70, um período de grande produção de hortelã, o que possibilitou um rápido crescimento demográfico do município, visto ser uma cultura que exige grande quantidade de mão-de-obra, além de acelerar o desmatamento, já que sua produção adequa-se muito bem em solos ricos em matérias orgânicas. Porém, esse ciclo foi de curta duração, logo deixando espaço para outras culturas, e refletindo-se claramente no decréscimo populacional do município, fato que analisaremos mais adiante.

A partir da década de 70 é que começa de fato o processo de mudança da economia e da produção em Palotina, com o início dos programas de modernização e de mecanização de sua agricultura.

Modernização

Para entendermos melhor essas transformações, recorremos a Argemiro Brum, que na sua obra “Modernização da Agricultura – Soja e Trigo”, procura explicitar o que foram esses dois processos, inseridos numa amplitude maior, que é a chamada “Revolução Verde”, programa desenvolvido a partir dos Estados Unidos, e que deu seus primeiros passos por volta de 1943, e tinha como um dos seus objetivos:

(...) contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas às condições dos diferentes solos e climas e resistentes às doenças e pragas, bem como da descoberta e aplicação de técnicas agrícolas ou tratamentos culturais mais modernos e eficientes (BRUM, 1988, p.44).

Apesar de seu discurso humanitário, o que estava por trás da Revolução Verde era o interesse econômico e político das grandes corporações e a

transnacionalização das mesmas, acompanhando o papel de liderança mundial que os EUA passariam a desempenhar após o término da Segunda Guerra Mundial.

A introdução de novos processos na produção agrícola significava a abertura de novos canais de investimentos de capitais e possibilidades de lucros, com o fornecimento de máquinas e insumos modernos, além de dinamizarem o comércio internacional destes gêneros e possibilitarem expandir instalar indústrias de transformação dos produtos originários da agricultura.

Todo esse processo de modificações e incentivos a uma produção mais elaborada e com técnicas aprimoradas partiu do capital privado, com grandes corporações fazendo a introdução de fora para dentro, mas, aos poucos, o poder público também começa a participar, principalmente com a criação de organismos de pesquisa e extensão. No Brasil, o exemplo claro dessa participação do governo no processo de pesquisa agrícola e modernização se dá em 1971, com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA), que passa a assessorar os produtores rurais na introdução de novas culturas, nas técnicas de produção e manuseio do solo.

Temos assim o início do processo de modernização da agricultura brasileira, que não pode ser vista como um caso isolado, mas como reflexo de um processo de transformações mais amplas, em âmbito global, principalmente a expansão do capitalismo mundial, ansioso por novos mercados de aplicação de capitais excedentes e também comercialização de suas inovações mecânicas e tecnológicas, seus produtos químicos e biológicos que, de alguma forma, poderiam alterar o ritmo da exploração natural do solo e propiciar rentabilidade em um espaço de tempo menor.

Segundo Fleischfresser (1988, p. 49, 50), temos, então, uma substituição gradativa da agricultura tradicional, que se caracterizava pela utilização intensiva dos recursos naturais, como a fertilidade natural do solo e a mão-de-obra direta, com o objetivo primeiro de produzir para alimentar a família, com comercialização do excedente. Esse sistema era perfeitamente viável em pequenas propriedades, com instrumentos de trabalho manuais e uso de força animal.

Sua produção era diversificada, cultivando-se batata, milho, arroz, feijão, aveia, trigo, mandioca, além de frutas e hortaliças.

Com o advento da modernização, isso vai sendo deixado de lado, tornando-se inviável economicamente. Esse fenômeno de modernização

da agricultura pode ser definido como sendo o processo através do qual ocorrem modificações na base técnica de produção. Assim:

Agricultura moderna (ou modernizada) é a fase agrícola que se caracteriza pelo uso intensivo, a nível das unidades produtoras, de máquinas e insumos modernos, bem como por uma maior racionalização do empreendimento e pela incorporação de inovações técnicas, quer dizer, a utilização de métodos e técnicas de preparo e cultivo do solo, de tratos culturais e de processos de colheita mais sofisticados (BRUM, 1988, p. 60).

Dessa forma, a agricultura torna-se mecanizada, técnica, e o produtor passa a se integrar ao mercado, com sua produção voltada ao excedente e ao lucro, não mais produzindo para a sua subsistência e sim se especializando em determinado produto, o que em parte inviabiliza a pequena propriedade e estimula a concentração de terras e a aquisição de maquinário agrícola.

Ao mesmo tempo, esse movimento de racionalização da produção também contou com políticas de incentivo por parte do governo, que possibilitou créditos, adotou políticas de preços mínimos, além de incentivos fiscais e subsídios, conforme podemos observar a partir do documento elaborado pelo IPARDES sobre a concessão de créditos.

O grande aumento no crédito rural institucional a taxas de concessão conjugadas com outras políticas de preço, participou claramente na criação de condições para o aumento da capacidade produtiva, assim como da produção. Os investimentos nas propriedades foram estimulados, quantidades adicionais de capital de trabalho foram providas e o uso de modernas tecnologias foi encorajado. Apesar disso, são poucos os novos mutuários, especialmente entre pequenos e médios agricultores, que puderam participar no aumento dos recursos do crédito rural (IPARDES, 1978, p. 14).

Como podemos perceber no documento anterior, nem sempre, porém, essa política era para todos, o que levou a uma desigualdade cada vez maior no campo, relegando os pequenos proprietários a uma situação marginal, já que muitos, sem poder contrair financiamentos e adquirir máquinas e implementos, ou mesmo mecanizar suas lavouras, ficavam na dependência do aluguel de equipamentos dos vizinhos ou desfaziavam-se de suas propriedades e migravam para outras regiões de fronteira agrícola

ou para os centros urbanos.

A partir dessas noções preliminares, passaremos a analisar especificamente os discursos presentes no cotidiano palotense, para justificar as transformações ocorridas no município no período compreendido entre os anos de 1970 e 1983, procurando entender especificamente os fatores que possibilitaram as profundas mudanças ocorridas na produção e também na economia do município.

Para início de análise, vamos observar a população do município e sua distribuição entre a zona rural e a zona urbana, no período compreendido entre os anos de 1960 e 2000:

Tabela 1: Censos demográficos

ANOS	População Urbana		População Rural		População Total
	Nº de Habitantes	%	Nº de Habitantes	%	Nº de Habitantes
1960	951	27,41	2.518	72,59	3.469
1970	5.252	12,21	37.753	87,79	43.005
1991	19.700	64,16	11.005	35,84	30.705
2000	22.681	83,13	4.602	16,87	27.283

Fonte: IBGE - Censos Demográficos

Podemos perceber que até o início da década de 1970 a população urbana é bem menor que a população rural, o que indica uma predominância da fixação do homem no campo, talvez ainda ligado ao trabalho baseado na pequena propriedade e na agricultura tradicional, de subsistência e com pequena produção excedente. Podemos perceber também que o período de maior crescimento demográfico aconteceu nesta mesma década, quando ainda predomina em algumas regiões do município a cultura da hortelã. Com o decréscimo da produção do mesmo, muitos agricultores deixaram não apenas a zona rural, mas também o município.

A cultura da menta acelerou o desbravamento da mata. Firms compradoras instalaram postos de compra entre nós, e em muitos casos mantinham a produção sob contrato de financiamento monetário e de produtos fitossanitários com os agricultores (...) Mas colocava o agricultor numa dependência total do comprador (...) O óleo da menta provou o seu auge no início dos anos 70. Mas logo decresceu, para desaparecer em cinco anos. Este ciclo acompanhou a suinocultura e foi paralelo à corrida da mecanização agrícola, para logo extinguir-se (REGINATO, 1979, p. 176,177).

Como podemos observar, nem toda a produção do município era voltada para a subsistência.

Havia a ocorrência de uma produção voltada para o mercado, tanto representada pela suinocultura quanto pela cultura da hortelã. Mas essa produção tinha pouco valor de mercado, principalmente devido oscilação dos preços da carne suína, o que "... fez com que a suinocultura passasse a um plano secundário" (REGINATO, 1979, p. 184). O mesmo ocorreu com a hortelã, que dependia de um mercado muito restrito e de um solo rico em matéria orgânica, o que foi diminuindo no solo local, com o uso constante, a cada safra.

Um outro fator que vai contribuir para o processo de mudanças está ligado diretamente ao trabalho das pessoas envolvidas com a produção agrícola local. Espelhem-nos no processo de produção da ração para a alimentação dos suínos para termos uma idéia do esforço e da desvalorização do trabalho humano nesta época, e perceberemos com maior nitidez o deslumbramento que muitos passarão a viver perante a idéia de mecanização e substituição da mão-de-obra humana pelas máquinas.

(...) Quer dizer que se dava aos porcos um produto que havia passado sete vezes pelas mãos do dono: o milho tinha sido quebrado a mão e amontoado, ajuntado em carroça e levado para casa, lá era descarregado e levado em balaies até o galpão. Mais tarde viria a debulha, para o que, a espiga seria manuseada novamente, e o grão metido num caixão. Depois viria a desintegração nos tufões e feita a ração a ser distribuída aos animais. Na época não se levava em conta o custo da mão de obra caseira (REGINATO, 1979, p.173).

Assim, a cultura da soja, essencialmente capitalista e altamente mecanizada, começa a se tornar atraente, com a promessa de que o trabalho manual não será mais tão necessário, já que os tratores preparariam as terras, devidamente destocadas, é claro, fariam a aplicação dos fertilizantes e também dos defensivos, que em grande parte substituiriam a necessidade de capina. Finalmente, a colheita também não seria mais manual, e sim realizada por colheitadeiras.

Essa apropriação da intensa mecanização se dá a partir de vários fatores, que não se limitam à facilitação do trabalho, mas que comportam uma série de incentivos, pois há uma imensa gama de interesses econômicos por trás desse processo modernizante, seja do Estado, seja das empresas capitalistas.

De acordo com Fleischfresser (1988, p. 31), a mecanização será fator dominante, tanto nas alterações dos sistemas de produção, quanto na

dinâmica de uso da mão-de-obra, além de contar com grandes incentivos de crédito para sua adoção.

Destaca-se a mecanização por ser uma das tecnologias que mais concorre para alterar a base técnica da produção e as relações de produção no setor agropecuário. Seu uso incide diretamente sobre o volume da força de trabalho ocupada, na medida em que, por exemplo, um trator ou colheitadeira dispensa o trabalho de vários homens e permite maior controle das tarefas. Desse modo, viabiliza a manutenção ou aumento da área trabalhada, sem aumentar os custos variáveis com mão-de-obra, porque, apesar de essas máquinas terem preços elevados, foram artificialmente barateadas devido à reduzida taxa de juros e pagamento a longuíssimo prazo do crédito para investimentos, especialmente no início da década (FLEISCHFRESSER, 1988, p. 31).

Essa constatação nos ajuda a compreender a tabela abaixo, em que vemos o crescimento meteórico do número de tratores e colhedeiras no município de Palotina, num espaço de apenas seis anos.

Tabela 2: Máquinas agrícolas

QUANTIDADE DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS EM PALOTINA - 1971 - 1977		
ANO	TRATORES AGRÍCOLAS	COLHEDEIRAS AUTOMOTRIZES
1971	175	43
1972	314	157
1973	685	321
1974	938	518
1975	1.263	749
1976	1.613	814
1977	1.906	905

Fonte: REGINATO, 1979, p. 181.

Ao mesmo tempo, a substituição da mão-de-obra humana pelas máquinas justifica também a alteração no quadro populacional, já que entre 1970 e 1980 a população de Palotina diminui em cerca de 15.000 habitantes (ver Tabela 1).

Consolidação do discurso

Para melhor compreender as diferentes formas de incentivo ao processo de mecanização de Palotina, vamos concentrar-nos na atuação de três entidades no período já delimitado anteriormente:

a Cooperativa local, que ao longo do tempo receberá várias denominações, sendo conhecida originalmente como CAMPAL (Cooperativa Agrícola Mista de Palotina Ltda.), depois renomeada como COOPERVALE (Cooperativa Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda.), e atualmente denominada C.VALE (Cooperativa Agroindustrial); a Prefeitura Municipal; os órgãos de financiamento do Governo Federal.

Para isso, recorremos aos registros do jornal "Pioneiro", que circulou no município de Palotina no período de 28 de agosto de 1974 até 23 de dezembro de 1983, adotando uma postura de apoio aos atos das administrações vigentes, e mesmo das empresas locais, sem um posicionamento que possa ser considerado de crítico, questionamento ou mesmo discordância de determinadas políticas ligadas ao processo de transformações por que passava o município no período. Essa postura meramente reprodutora das notícias, seja através da publicação de boletins da Cooperativa, seja na reprodução de notícias de outros jornais, seja publicando decretos da Prefeitura Municipal ou reproduzindo discursos de prefeitos ou vereadores, faz com que o período de publicação do jornal, que coincide com o período militar, pois o mesmo iniciou sua publicação e encerrou suas atividades durante a vigência do mesmo (1974 – 1983) fosse apresentado como uma fase sem conflitos, em que há um consenso pela idéia de que a modernização é a responsável pelo progresso, e esse beneficia a todos, indistintamente. Suas páginas pouco retratam o que aconteceu com quem ficou fora do processo de mecanização.

O papel da Cooperativa é apresentado como fundamental, uma vez que o grande fator motivador de qualquer sistema de produção é ter como vender seus produtos, e isso vai estar diretamente ligado à criação e dotação de uma infra-estrutura para a mesma poder comprar e armazenar essa produção, para exportá-la posteriormente, tanto para outros Estados do Brasil quanto para o exterior.

Porém, apesar de ter sido fundada em 1963, a mesma só inicia suas atividades de fato a partir de 1970 e, mesmo assim, num armazém alugado. Mas, a partir daí, começa a dotar-se de suas próprias instalações e a ganhar um número cada vez maior de associados, sendo que a partir de 1971, com financiamentos do BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, constrói armazéns e, em 1973, juntamente com outras cooperativas do Oeste, inicia a instalação de um terminal de exportação de soja no porto de Paranaguá, conforme notícia divulgada no dia 24 de dezembro de 1974:

A diretoria da Cooperativa, com delegação da

Assembléia Geral, adquiriu, juntamente com outras cooperativas do Oeste do Paraná, terrenos no Porto de Paranaguá, onde será construído o mais moderno terminal marítimo do Brasil, de entidades privadas. O complexo de armazéns que será construído terá capacidade para 111.000 toneladas (PIONEIRO, 24/12/1974, p. 34).

Em todo esse processo de ampliação de suas instalações, primeiro na sede do município de Palotina e depois também em seus distritos e no município vizinho de Assis Chateaubriand, a Cooperativa contou com o auxílio, tanto da ACARPA – Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná, quanto do BRDE, pois a função dessas instituições era de fomento ao novo modelo de produção que estava sendo adotado no município.

Essa associação ocorreu a partir de alguns fatores que já podiam ser sentidos no interior das propriedades rurais, com mudanças sendo implantadas gradativamente, como constata Reginato (1979), ao analisar a suinocultura de Palotina no final da década de 1960.

No ano de 1968, quando o ciclo do porco chegava a uma crise, o Escritório Local da ACARPA programou a atividade para o ano seguinte, contemplando, além do projeto Suinocultura, os projetos Trigo e Soja. Mas para desenvolver esses projetos havia a necessidade de se criar uma estrutura apta à comercialização dessa produção. Assim se pensou em incluir o cooperativismo, objetivando assim fechar o ciclo, ou seja, comprar máquinas, insumos, produzir e comercializar, não deixando nenhum elo da cadeia a descoberto. Para implantar o cooperativismo pensou-se em dinamizar a cooperativa local fundada no ano de 1963 (REGINATO, 1979, p. 188).

Percebe-se aí o papel do Estado no planejamento estratégico da produção, procurando de todas as formas tornar viável o processo de mecanização, visto que era objetivo da política de governo da época não apenas que o município se desenvolvesse, mas também o próprio estado do Paraná, que graças à produção da soja também terá um aumento da sua participação na economia nacional, merecendo destaque suas medidas com o intuito de modernizar, pesquisar, possibilitar a comercialização de bens produzidos pelo setor primário, e a soja e o trigo demonstram ser os produtos ideais para substituir o café que, na década de 1970, tem seu plantio diminuído em grande parte do Paraná, como pode ser visto em mensagens enviadas pelos governadores à Assembléia Legislativa do Estado:

A vocação econômica agrícola – elemento recorrente – ressurgiu ao longo dessas Mensagens, mencionando as condições de clima, solo e relevo. A expressividade da agricultura paranaense nas exportações e a participação desse setor na renda interna, levam o governo a anunciar uma série de medidas de apoio. Entre elas, destaca-se o estímulo à substituição de parte dos cafezais – prejudicados com as geadas de 1974 e 1975 – por lavouras brancas, como trigo e soja (IPARDES, 1987, p. 131).

No município esse estímulo se torna cada vez mais concreto, graças a essa interação entre Cooperativa, ACARPA e BRDE, conforme o exemplo que nos apresenta Reginato (1979), em seu relato dos primeiros anos de Palotina:

Assim estabelecidas as bases e os critérios a serviço de extensão Rural, a ACARPA, em convênio com o BRDE, iniciou as operações financiando 05 (cinco) tratores, a título de Unidades de Demonstração (U.D.), cada trator com uma comunidade. Assim um agricultor das comunidades de Candeia, Maripá, Paraíso, São Camilo e La Salle, foram contemplados com um trator e implementos correspondentes. Juntamente com o trator e implementos, eram financiados quotas-partes no valor de Cr\$200,00 (Duzentos Cruzeiros), para que o mesmo pudesse ingressar no quadro social da CAMPAL, que na oportunidade era a sigla da Cooperativa. Paralelamente, o serviço de extensão convocou uma reunião no dia 09 de agosto de 1969, para procurar dinamizar a atuação da cooperativa, elaborando projetos, plantas, etc, para o 1º armazém da mesma. Nessa oportunidade o escritório da cooperativa funcionava em caráter precário no próprio escritório local do serviço de extensão (REGINATO, 1979, p. 188).

Logo a Cooperativa já estará com suas bases consolidadas, passando a ser referência para os agricultores, tanto na comercialização de grãos, quanto na distribuição de sementes, fertilizantes, inseticidas e herbicidas, além de intermediar a obtenção de recursos para o financiamento do plantio das lavouras, ou mesmo a aquisição de equipamentos, como caminhões necessários para o transporte da colheita.

A Cooperativa, até o mês de fevereiro de 1975, distribuirá a seus associados, 50 (cinquenta) caminhões Mercedes-Benz. A receptividade encontrada foi muito grande, e, provavelmente, mais uma cota de 50 caminhões, o que contribuirá decisivamente para resolver o problema de transportes de nossa região, especialmente dos

nossos associados e da cooperativa (PIONEIRO, 04/09/1974, p. 03).

Também ampliará seu quadro de associados, que, de 24 em 1963, passarão a ser 1.800 já a partir de 1974, espalhados pelos municípios de Palotina, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Francisco Alves e Iporã.

Muitos visitantes chegarão a Palotina nesse período, sempre ligados de alguma forma ao processo de modernização da agricultura local e aos investimentos que aqui estão sendo realizados, como construção de armazéns, novas estradas, campos experimentais de sementes, fertilizantes, herbicidas e inseticidas, e praticamente todos estarão de alguma forma relacionados com a atuação da Cooperativa, o que mostra seu papel de destaque na consolidação do cultivo do binômio soja-trigo no município.

Relatamos a seguir algumas dessas visitas:

Autoridades do Banco Interamericano de Desenvolvimento, do Tesouro dos Estados Unidos do Brasil, acompanhados por técnicos da ACARPA e do BRDE visitaram terça-feira última a cooperativa de Palotina. A missão chegou com o objetivo de constatar e avaliar de perto as potencialidades econômicas da região e a infra-estrutura de armazenagem, criada nas cooperativas com recursos daquele Banco Interamericano (PIONEIRO, 12/09/1974, p. 2).

Em agosto/74 estiveram visitando Palotina, os Drs. GILES E. DIXON e MICHAEL COLLINS, da ROTHWELL PLANT BREEDERS de Lincoln, Inglaterra. Em companhia do Dr. MILTON ROCHA, pesquisador do trigo e residente em Pelotas, RS, estiveram visitando as instalações da Cooperativa, bem como de seu Campo Experimental e o da Secretaria da Agricultura (PIONEIRO, 12/09/1974, p. 3).

Diretores do BRDE junto com diretores da CAMPAL, pleiteando novos financiamentos e em visita às instalações da CAMPAL (PIONEIRO, 24/12/1974, p. 34).

Dentro de um processo de afirmação da modernização da agricultura local, esses relatos servem para reafirmar um discurso, dando a idéia de que tudo está acontecendo de forma normal, que o caminho natural para o município é fazer o mais rapidamente possível a sua conversão à produção proposta.

Essa liderança será destacada pelas autoridades constituídas, que, em vários momentos, farão referência às realizações da cooperativa na

consolidação do município como grande produtor nacional de soja e trigo, como pode ser conferido na fala do prefeito municipal de Palotina, Aloísio Valérius:

Em todos os sentidos, a cooperativa tem procurado auxiliar o nosso agricultor, e é através do cooperativismo que as pessoas se associam, se engrandecem e conseguem lutar mais confiantemente em prol daquilo que pretendem, daquilo que reivindicam, e é nesse sentido que o cooperativismo hoje está se avolumando. É este momento oportuno para solicitarmos a todos os associados que colaborem, para que realmente incentivem as iniciativas da Coopervale, pois assim ela crescerá cada vez mais forte. Só assim poderemos garantir a segurança das nossas gerações, e futuras gerações (PIONEIRO, 19/12/1981, p. 09).

Discurso muito semelhante também fez o Presidente da Câmara dos Vereadores de Palotina, Odir Cividini:

Os associados devem sempre procurar valorizar o trabalho da Coopervale; entender a preocupação e o empenho da direção desta cooperativa e participar constantemente em todos os sentidos, porque a cooperativa em si não é só uma diretoria, mas sim uma comunidade inteira, é um grupo de associados. E para que a empresa tenha progresso é preciso que nós participemos (PIONEIRO, 19/12/1981, p. 09).

Também por ocasião da visita de autoridades, o poder público estava junto aos diretores da Cooperativa, dando suporte político e reforçando a importância estratégica da mesma para o crescimento do município.

Autoridades do Banco Interamericano de Desenvolvimento, do Tesouro dos Estados Unidos do Brasil, acompanhados por técnicos da ACARPA e do BRDE visitaram terça-feira última a cooperativa de Palotina. (...) Foram recepcionados pelo Sr. Amadeo Piovesan, Presidente da Cooperativa, vários membros da diretoria, Engenheiros Agrônomos e autoridades locais.

(...) O Poder Executivo de Palotina e Terra Roxa fizeram-se presentes (PIONEIRO, 12/09/1974, p. 02).

Para concluirmos a análise do papel desempenhado pela Cooperativa, é necessário observarmos sua evolução, tanto quanto ao número de associados, quanto ao recebimento de produtos,

e a partir disso poderemos compreender melhor seu papel na implantação do modelo de produção monocultora, principalmente na década de 1970. O número cada vez maior de associados nos permite supor que a mecanização e a produção de soja e trigo tornaram-se predominantes, até mesmo pelo fato de que só se convertendo a essas culturas se poderia obter determinados benefícios.

Tabela 3: Número de associados da Cooperativa - 1970 - 1978

Ano Associado								
1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
423	726	980	1480	1895	2668	3580	4113	4069

Fonte: REGINATO, 1979, p.209

Essa evolução do quadro de associados pode ser compreendida a partir do fato de que, através da Cooperativa, era mais fácil obter crédito agrícola junto aos bancos, visto que a mesma era uma garantia a mais de que os mesmos seriam pagos posteriormente. Também junto a ela tinha-se a segurança de que a colheita seria recebida, já que a mesma dispunha de armazéns suficientes para absorver a produção do município. Era também da Cooperativa que se recebia a assistência técnica especializada, o acompanhamento da lavoura nas diferentes fases e também as orientações sobre o uso correto dos equipamentos, dos fertilizantes, dos inseticidas e herbicidas e também a garantia de que as sementes plantadas eram de boa procedência.

Tudo isso levou cada vez mais pessoas a ingressarem o quadro de associados, tornando a Coopervale uma das maiores cooperativas do País, a ponto de, nos anos 80, ela também começar a atuar no Estado do Mato Grosso, através da compra de uma cooperativa local.

Tabela 4: Recebimento de soja e trigo (sacas de 60 kg) - 1972 - 1978

ANO	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978
SOJA	350.000	730.000	1.128.000	2.200.000	3.500.000	3.333.332	1.466.626
TRIGO	60.000	670.000	1.500.000	400.000	1.450.000	2.300.000	1.870.192

Fonte: Adaptado pelo autor de REGINATO, 1979, p. 210.

Dessa forma, o volume de produtos recebidos foi cada vez maior, consolidando definitivamente a Cooperativa como a mais importante empresa do município.

Quanto ao papel do poder público municipal, percebe-se uma atuação marcante, tanto na tentativa

de dotar a zona rural dos mecanismos necessários para a modernização das lavouras, quanto para permitir o escoamento da produção, com ações específicas na abertura e melhoria de estradas, na construção de pontes e bueiros e também na luta pelo asfaltamento da rodovia que liga os municípios de Palotina e Toledo, visto esse trecho ser vital para que a soja e o trigo colhidos em Palotina pudessem ser transportados até seus mercados consumidores, ou exportados, caso da soja, via Porto de Paranaguá.

A imagem a seguir, publicada na capa do jornal "Pioneiro", edição de 24 de outubro de 1974, ilustra bem as expectativas da administração municipal e dos órgãos de imprensa com relação ao início das obras da referida estrada. É possível perceber também no texto que ilustra a imagem, a paixão ufanista do redator com relação à potencialidade de sua terra, e das possibilidades de crescimento da mesma com a obra em execução.



Fonte: PIONEIRO, 24/10/1974 - Capa

Ao mesmo tempo, as mudanças ocorridas no campo com a mecanização transferem contingentes de habitantes da zona rural para a zona urbana, o que exige investimentos em infra-estrutura, como construção de meio-fio, asfalto nas ruas, água encanada, novos loteamentos urbanos, construção de moradias para classes de baixa renda, além da necessidade de se dotar o próprio poder público de um corpo de funcionários qualificados para atender às demandas dessa população.

Surgem também preocupações com o bem estar e o lazer dessas pessoas, com investimentos

em praças, repetidoras de sinal de televisão, energia elétrica na zona rural, além de escolas, serviços de saúde e cultura.

Ilustrando isso, temos o discurso proferido pelo Prefeito Municipal Erich A. Müller, reproduzido na edição do PIONEIRO de 05 de dezembro de 1974, em que ele enumera algumas das realizações de sua administração:

O labor intenso dispensado no setor rodoviário, justifica-se por ser este município essencialmente agrícola. Foram construídos até o presente 46 pontes (...)

A compra de duas motoniveladoras, dois caminhões caçamba e uma escavadeira hidráulica (único tipo na região oeste), possibilitou-nos a que denominem de "O Município que possui as melhores estradas da região".

O sonho do asfalto de Palotina a Toledo, torna-se também em realidade. Pelo DER será executada a construção da estrada vicinal de Palotina, Terra Roxa e Palotina a Assis e o acesso Palotina a Francisco Alves já em obras.

(...) até o presente, foram entregues, 30 salas de aula (...)

Com a participação dos interessados, foram beneficiadas com energia elétrica os moradores de 19 linhas no interior do município, com uma extensão de mais de 80 km de rede, atendendo 473 famílias.

Foram asfaltados até a presente data 78.000 m² estando previsto para 1975 mais 60.000m². Entregues também 19.000 metros lineares de meio fio.

Através da SANEPAR, conseguida a extensão da rede de água potável em 7.400 metros, estando previsto para o mês de janeiro de 1975, mais 9.000 metros de ampliação.

Está para ser concluída a Praça Nações Unidas iniciada na gestão anterior.

Até o final do ano será entregue a Praça Tiradentes, com uma moderna instalação de iluminação elétrica.

A TELEPAR será colocada em funcionamento no corrente mês (PIONEIRO, 05/12/1974. p. 06).

Percebe-se aí um discurso voltado para a realização de obras, característica marcante de um município em formação, mas ao mesmo tempo, uma mera reprodução do mesmo, sem questionamentos, sem análise do que está sendo apresentado. Os cidadãos que não se integraram ao "progresso" e foram embora não são lembrados, mas a Prefeitura Municipal está fazendo tudo o que é necessário para que toda a população com poder aquisitivo condizente tenha acesso às benesses do referido "progresso".

Quanto à repetidora de televisão, temos

uma resposta do Prefeito Municipal Aloísio Valérius ao entrevistador do jornal PIONEIRO, em que ele demonstra claramente a preocupação da administração com o referido assunto:

Todos já devem ter notado uma sensível melhoria na imagem de TV, evidentemente. Desde a nossa posse não descuidamos desse particular, envidando todos os nossos esforços nesse sentido, razão pela qual dentro de curto prazo, teremos uma imagem perfeita em Palotina. Isto nós garantimos, custe o que custar. O povo merece esse entretenimento em alto nível (PIONEIRO, 11/03/1977, p. 03).

O discurso coloca o poder público em sintonia com as expectativas da população, dando uma idéia de competência e rápido atendimento, tanto do campo quanto da cidade, que dependem de uma infra-estrutura fornecida pelo poder público para ter condições agradáveis de vida, e no caso específico de Palotina, como podemos observar na Tabela 1, ocorre um grande aumento da população urbana a partir de 1970, com esse processo se acentuando a partir de 1980, vindo a mesma a superar a população rural a partir de 1990.

Isso se deve principalmente ao processo de mecanização, mas também é favorecido pela busca de conforto, como eletricidade e telefone, maior acesso à educação, ruas asfaltadas, água encanada e tratada e muitas outras vantagens oferecidas pela vida na cidade.

Muitos problemas urbanos também surgem a partir dessa migração do campo para a cidade, visto que muitos proprietários não saem de lá voluntariamente, mas por não conseguirem pagar "financiamentos" ou por outras formas de endividamento, sendo obrigados a vender suas terras, e nem sempre possuem qualificações que possibilitem sua inserção na vida urbana. Teremos então desemprego, vícios, criminalidade, fome, questões para as quais o poder público também terá que atentar.

Essas mudanças também podem ser mais bem compreendidas a partir da observação da tabela abaixo, que demonstra o comportamento da renda interna do município de Palotina no período que vai de 1970 a 1980. Nela podemos perceber o papel da agricultura como principal fonte de geração de renda do município, mas podemos ver também como a atividade comercial foi adquirindo uma importância cada vez maior no volume de recursos obtidos pelo município.

Tabela 5: Renda interna do município de Palotina 1970 - 1980
(CR\$ 1.000,00 CORRENTES)

ANO	AGRICULTURA	INDÚSTRIA	COMÉRCIO
1970	26.621	1.228	12.690
1971	30.247	2.100	8.272
1972	30.134	3.359	12.008
1973	113.026	6.713	39.455
1974	191.291	8.693	45.711
1975	192.976	11.541	155.495
1976	263.238	26.536	137.326
1977	599.852	30.577	241.970
1978	513.799	32.849	178.539
1979	866.167	53.329	376.010
1980	2.202.493	136.388	862.359

Fonte: Adaptado pelo autor, de IPARDES, 1982

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão estabelecida neste artigo, procuramos identificar e analisar as principais transformações que ocorreram na município de Palotina entre os anos de 1970 e 1983, destacando as transformações econômicas e sociais, e a maneira como isso foi apresentado à comunidade através de um dos seus meios de comunicação, o jornal "Pioneiro".

Pudemos perceber que as mudanças não foram exclusividade de Palotina, mas o reflexo de transformações que aconteciam de forma global, a partir da "Revolução Verde" nos EUA e da nova dinâmica do capital transnacional, ávido por novas formas de aplicar seus excedentes e obter lucros significativos.

Dentro deste contexto, Palotina desempenha um papel significativo, pois graças à fertilidade de suas terras ostentará por muitos anos o título de "Capital da Soja", o que a tornará conhecida mundialmente, atraindo visitantes e pesquisadores de outras nações que a visitam para ver de perto sua fertilidade.

Ao mesmo tempo, identificamos as mudanças ocorridas no campo, com a gradativa substituição da mão-de-obra familiar pelas máquinas, causando mudanças positivas, como a liberação da força de trabalho para outras atividades, ou mesmo para o estudo ou o lazer, e também negativas, como o êxodo rural e a ruína de pequenas propriedades que não puderam fazer frente ao processo de mecanização.

A partir da análise do jornal, também foi possível perceber como se torna latente o discurso de que a modernização e a mecanização da agricultura

palotinese foi um sucesso a partir da atuação da Cooperativa, com seu suporte ao comércio e sua assistência técnica; da Prefeitura Municipal, com suas obras de infra-estrutura, principalmente para propiciar o escoamento da produção; e dos projetos de custeio do Governo federal, que garantiam recursos para o plantio e para a comercialização dos produtos agrícolas aqui plantados e colhidos.

Porém este é apenas um pequeno esboço do que de fato pode ser analisado a respeito do período em estudo. Muito mais pode ser estudado, principalmente a partir da premissa daqueles que foram "deserdados" pelo processo de mecanização. Esse artigo mostra mais o discurso consensual, a idéia da Palotina que deu certo para alguns, mas sempre há tempo de buscar as histórias daqueles que não concordam integralmente com esse "consenso".

REFERÊNCIAS

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura:** trigo e soja. Ijuí: FIDENE, 1987.

FLEISCHFRESSER, V. **Modernização tecnológica da agricultura:** contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70. Curitiba: Livraria do Chain: CONCITEC: IPARDES, 1988.

FREITAG, L. da C. **Fronteiras perigosas:** migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937 – 1954). Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações no oeste do Paraná (1940 – 70). Cascavel: EEDUNIOESTE, 2002.

Centro de Saúde Escola

UNIVERSIDADE PARANAENSE



Inaugurado no ano de 2001, o Centro de Saúde Escola (CSE) consolidou-se como serviço de saúde diferenciado no atendimento à clientela de Umuarama – PR.



É um projeto de extensão do Curso de Enfermagem da UNIPAR Campus Sede, em parceria com a Prefeitura Municipal que atende, prioritariamente, os programas de puericultura de risco, pré-natal, acompanhamento de portadores de hipertensão arterial e diabetes, prevenção de câncer ginecológico e imunização, através da assistência médica, de enfermagem, de nutrição e farmacêutica.



No ano de 2007 totalizou-se mais de 30.000 atendimentos individuais e aproximadamente 3.000 coletivos como reuniões, orientação em grupo e campanhas educativas e assistenciais.



Av. Rio Branco, s/n – Centro Cívico, fone: 44-3624-1923.